

NOS TRILHOS DO TREM: A MODERNIDADE NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Micheli ROSA¹

Claudia Maris TULLIO²

Resumo: No início do século XX a elite guarapuavana atribuía o seu isolamento em relação às outras cidades do Estado do Paraná devido à ausência de vias de transporte. O presente trabalho centra-se neste desejo da construção das vias férreas por uma parte da população. Desta forma, busca analisar pela ótica da notícia veiculada a um jornal do período – Correio do Oeste de 1930 a questão entre isolamento e a almejada modernidade. Compreende-se que nas primeiras décadas do século XX a ideia de progresso e modernidade circulava nos jornais da cidade de Guarapuava. Para compreensão de tal interesse é necessário possuir uma visão do que seja esse evento, neste sentido Berman (1986) aponta que a modernidade é um conjunto de experiências, dentre elas a questão de transformação e rompimento de barreiras. Tais empreendimentos, experiências e concepções sobre o desenvolvimento por meio do progresso podem ser observados na linguagem como prática social, ou seja, o discurso modernizador propagado pela imprensa reflete não apenas o isolamento, e a vontade de escoar a produção, mas especialmente reflete as relações de poder e dominação da elite do respectivo período. Para análise e compreensão dos eventos emprega-se o método epistemológico dialético crítico proposto por Fairclough (2001) e a outra perspectiva advém do campo da História que possibilita compreender a imprensa como instrumento de manipulação de interesses e de modificação da vida social. Através da interdisciplinaridade entre as Ciências citadas foi possível constatar que a particularidade do texto modelado segundo as experiências e concepções de mundo do redator mostram as relações entre a prática discursiva e social e com isso permeia os processos históricos que articulam e constituem o discurso de modernidade e isolamento.

Palavras-Chave: Análise Crítica do Discurso; periódicos; ideologia; progresso.

Abstract: In the early 20th century the elite guarapuavana attributed the your isolation from other cities in the sates of Paraná in the absence of transport routes. The present work focuses on this desire of the construction of railways for apart of the population. In this way, it seeks to examine the perspective of news conveyed to a newspaper of the period – Correio do Oeste of 1930 the question between isolation and the longed for modernity. It is understand able that in the first decades of the twentieth century the idea of progress and modernity circulated in city newspapers of Guarapuava. For understanding of such an interest must have a vision of what this event in this sense Berman (1986) points out that modernity is a set of experiments, among them the question of transformation and breaking barriers. Such developments experiences and conceptions on the development by means of progress can be observed in the language in the language as social practice, that is, the speech modernizer propagated by the press reflects not only the isolation, and the will to dispose of the production but, especially reflects the relationships of power and domination of the elite of the period. For analysis and understanding of the events used the dialectical critical epistemological method proposed by Fairclough (2001) and another perspective comes from the field of History that makes it possible to understand the media as an instrument of manipulation understanding the media as an instrument of manipulation and

¹ Graduação em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).
michelly.hist@gmail.com

² Professora Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).
claudiatullio31@yahoo.com.br

modification of social life. Through the interdisciplinary between science cited was found that the particularity of the text modeled according to the experiences and conceptions of world of the editor show the relationships among the discursive and social practice and with that it permeates the historical processes that articulate and they constitute the modernity speech and isolation

.KeyWords: Critical analysis of the Speech; periodic; ideology; progress.

Introdução

O trem se constituiu como uma possibilidade de integrar, civilizar e modernizar os espaços e cotidiano das pessoas. No Brasil Imperial, a construção das ferrovias tornou-se um projeto de civilização das regiões selvagens, em atraso, se comparado às nações européias, impulsionando a prosperidade. Essa ideia perpassara o século XIX, mantendo-se na perspectiva de conectar o Brasil, ou seja, funcionou como artifício de integração nacional.

Escutar o silvo do trem indicava o prenúncio das maravilhas do mundo, a velocidade e o progresso em qualquer cidade. Nas páginas amareladas de um jornal, visualizamos o fascínio que essa invenção exercia na imaginação das pessoas da década de 1930. A chegada do trem assinala não somente a expansão econômica, mas também a integração entre as regiões do país. A reivindicação para construção ferroviária em muitas cidades brasileiras fazia sentido, porque o território nacional era enorme e era necessário encurtar as distâncias.

Nesta perspectiva, no século XX, as ferrovias ainda traziam em si a ideia de progresso e terão um papel importante para as novas mudanças que ocorreriam, afinal será um elemento no processo de formação e modernização das cidades. Esse ponto é interessante porque estará ligado à dinamização do espaço, encurtamento das distâncias e à modernização e desbravamento dos sertões – Marcha para Oeste.

Na cidade de Guarapuava/PR utilizamos como fonte de pesquisa o Jornal Correio do Oeste de 1930 que apresenta um discurso acerca da construção da Estrada de ferro. Compreende-se o papel que a imprensa terá no que tange à idealização desse projeto. Será a propagadora das vantagens de possuir uma ferrovia tanto para Guarapuava quanto para o Estado. Mariani (1988, p.33), explana que “além de acompanhar o movimento da história, a própria imprensa também se faz sujeito do processo histórico, seja contribuindo na forma da memória social, seja formando a opinião pública”.

Como aporte teórico encontramos amparo na Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough (2001), a qual busca interpretar e explicar as práticas de poder que se manifestam linguisticamente nas sociedades. Essa teoria compreende a linguagem como prática social e observa a ligação entre linguagem, poder e sociedade, deste modo uma de suas maiores preocupações é revelar as relações de dominação e hegemonia produzidas discursivamente. Para tanto, ela descreve e interpreta todos os mecanismos responsáveis pela transformação de tais relações.

Assim, a ACD procura, na superfície dos textos analisados, marcas de como as estruturas e práticas sociais afetam e induzem a seleção dos elementos lingüísticos usados num texto e os efeitos dessas escolhas lingüísticas nas referidas estruturas e práticas sociais. Para análise, reflexão das práticas sociais faz-se necessário um movimento interdisciplinar em direção aos estudos dos historiadores acerca da imprensa.

Dessa forma, elencamos como objetivo geral analisar o discurso jornalístico por meio de um artigo de um Jornal guarapuavano, Correio do Oeste de 1930. Como objetivo específico averiguar as práticas lingüístico-discursivas que ressaltam a ideologia e a

hegemonia da sociedade da época. Tal movimento gira em torno da modificação que a ferrovia traria para determinada classe. Observar esses pontos contribui para perceber como a elite da respectiva cidade, socialmente e politicamente situada na sociedade, utiliza-se da linguagem para modelar e manipular de acordo com seus interesses.

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, optamos pela realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1982), “a investigação qualitativa é descritiva” (p. 48) e “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (p. 49).

A pesquisa é de natureza bibliográfica centrada no aporte teórico-metodológico no campo dos Estudos da Linguagem com a proposta de Fairclough (2001), Magalhães (2001, 2005), Rezende e Ramalho (2004), Fuzer e Cabral (2014), e também é sustentado pelo campo da História respaldado nos estudos de Mello (2003), Tembil (2007), Burke (2006) e Luca (2010) que se atém à problemática da imprensa e suas funções na disseminação de práticas e saberes.

O proprietário do Jornal Correio do Oeste foi Antonio Lustoza Oliveira³ figura importante no cenário político e social da cidade. Por este prisma, Mello (2003) lembra que possuía o discurso nostálgico, mas marcadamente de marca progressista. Tendo como editor, em 1930, David Moscalesque e vários redatores entre eles, Dulcídio Tavares de Lacerda escritor do artigo “Guarapuava como centro irradiador do futuro do Paraná e a sua ligação ferroviária”.

Análise Crítica de Discurso e o seu método crítico: alguns apontamentos

A Linguística é uma ciência moderna que possui como objeto de estudo a linguagem verbal, oral ou escrita. A área de pensamento linguístico distingue-se em dois opostos, como aponta Neves (1997, p. 39) “o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários”.

De uma forma geral, a linha formalista da Linguística engloba teorias que entendem a língua enquanto uma estrutura. Desse modo, como indica Martelotta (2008), a língua é concebida como um objeto autônomo, independente das intenções de uso e da situação comunicativa. Notam-se duas vertentes dessa corrente, o Estruturalismo, de Ferdinand de Saussure, e o Gerativismo de Noam Chomsky. Estudar a língua a partir desse ponto de vista é colocar em destaque a autonomia das formas linguísticas, considerando as unidades da língua como segmento da gramática que constitui a competência linguística do falante.

O funcionalismo apresenta ponto de vista diverso ao formalismo no que tange à linguagem, pois enquanto este a compreende como um fenômeno suficiente em si mesmo, autônomo de qualquer fator extrínseco a ele, aquele a concebe correlacionada às várias outras práticas da vida social. Sendo assim, o ponto que permeia toda a abordagem funcionalista acerca da língua é “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. (CUNHA, 2008, p. 158). Percebem-se algumas tentativas em definir e delimitar o Funcionalismo, Neves (1997, p. 1) assinala que é uma tarefa difícil, já que “os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a característica definidora da

³ Ver: SILVA, Walderez Phol da. **Entre Lustosa e João do Planalto: a arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Niterói: UFF, 2008

corrente teórica em que eles se colocam”.

Os estudos funcionalistas abarcam várias correntes, dentre elas a Pragmática, a Linguística Textual, a Sociolinguística e a Análise Crítica de Discurso (doravante ACD). Nossa pesquisa encontra respaldo teórico na ACD. Notadamente essa perspectiva de análise do discurso objetiva investigar o modo como as formas linguísticas funcionam na reprodução, manutenção e transformação social.

A Análise Crítica de Discurso possui um modelo teórico-metodológico que estabelece uma interdisciplinaridade com as Ciências sociais, adiante explanaremos sobre a contribuição de outras áreas na análise do corpus. Essa abertura no tratamento possibilita analisar as ligações entre as relações de poder e elementos linguísticos que os usuários utilizam. O início da ACD é marcado, como aponta Wodak (2004), pelo lançamento da revista *Discourse and Society* (1990) editada por Van Dijk, como também o livro *Language and Power* de Fairclough (1989), *Language, Power and Ideology* de Ruth Wodak (1989) e o livro sobre racismo de Van Dijk, *Prejudice in Discourse* (1984).

Outro evento de destaque para o desenvolvimento da ACD ocorreu em um simpósio em Amsterdã no ano de 1991. Esse acontecimento reuniu vários pesquisadores, dentre eles Norman Fairclough. A proposta deste teórico relacionava o uso da Linguística Sistêmica Funcional (LSF) para analisar o discurso. Wodak (2004) explana que praticamente quase todos os estudos de orientação crítica se utilizam da gramática sistêmica funcional de Halliday. A Gramática Sistêmica Funcional, será observado na análise do corpus, torna-se importante por possibilitar compreender como os sujeitos (falantes/escritores) utilizam do sistema linguístico a seu favor.

No livro *Discurso e Mudança social*, podemos observar a proposta de Fairclough (2001), segundo Magalhães (2005, p. 3), “A ACD estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico”. Sobre o modelo teórico a autora (2001, p.11) comenta “é dialética na medida em que considera o discurso, por um lado, moldado pela estrutura social e, por outro, constitutivo da estrutura social”.

Para a ACD, o discurso constitui e é constituído por práticas sociais. A teoria propõe investigar a linguagem e o seu papel na reprodução das práticas sociais, ideológicas e o papel que exerce na transformação do social. O termo discurso para Fairclough (2001) pauta-se na linguagem como forma de prática social. Para Fairclough (2001, p. 91),

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

O modelo tridimensional proporciona examinar o discurso e as estruturas que o moldam. A primeira dimensão é a análise Textual. Os princípios expostos estão relacionados com o pensamento de Halliday. A Linguística Sistêmica Funcional aponta Fairclough (2001, p.25), “faz uma apresentação mais avançada de uma forma de gramática particularmente útil à análise de discurso”. A concepção funcionalista de Halliday acerca dos estudos sobre a linguagem pensa no conjunto de situações comunicativas em que se dá o processo linguístico. Essas situações comunicativas estão ligadas aos interlocutores, bem como as condições de produção e o ato comunicativo. Concebendo esses fatores, podemos averiguar que os textos apresentam estruturas da sociedade.

A prática discursiva abrange “processos de produção, distribuição e consumo

textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107). Com relação à dimensão que envolve o discurso como prática social, esta se relaciona aos aspectos ideológicos e hegemônicos no discurso. É importante frisar que as duas últimas dimensões não são contrárias como afirma Fairclough (2001, p. 99). Segundo o autor, “prática discursiva aqui não se opõe a prática social: a primeira é uma forma particular da última.”

Como havíamos comentado, ACD propõe uma teoria-metodologia para análise de discursos. Nesta perspectiva Fairclough (2001, p. 276) assevera que “a análise de discurso deve ser idealmente um empreendimento interdisciplinar”. Esta afirmação está relacionada com a concepção de discurso que envolve as propriedades dos textos (produção, distribuição, consumo), os processos (sociocognitivos de produção e interpretação) e a prática social (relações de poder hegemônicos e ideológicos).

Em consonância com essa proposta, o trabalho traz o campo da História para análise crítica do corpus. Para que haja compreensão da escolha é necessário apontar, mesmo que brevemente, a questão do ofício do historiador. Na década 1930, período em que a houve a renovação historiográfica⁴, Marc Bloch (2001, p.67) declarava é “uma ciência dos homens no tempo”. Os historiadores buscam compreender as causas de tais fenômenos e, especialmente, de que a linguagem possui a sua dinamicidade, ou seja, algumas mudanças da linguagem não necessariamente estão conectadas com os fatos ocorridos ao longo do tempo.

Destarte, o historiador estuda o passado por meio de testemunhos, sendo assim seu conhecimento do passado ocorre através da análise e interpretação das fontes. A prática historiográfica modificou-se ao longo do século XX. A terceira geração dos *Annales*⁵ trouxe novos horizontes. Para Luca (2010, p. 113),

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História.

O que podemos evidenciar é que a aproximação, efetivamente, entre História e Estudos da Linguagem ocorreu apenas em 1970 quando o conceito “Discurso” tornou-se objeto da História. Há aqueles que vêem em Michel Foucault uma ponte para aproximação das ciências. Para Silva (2004) as formulações teórico-metodológicas possibilitaram a compreensão da relação entre o saber e o poder através de análise das práticas discursivas. Uma discussão mais aprofundada acerca desses fatos não cabe ao propósito do trabalho.

⁴ No século XIX, a perspectiva dos estudos históricos voltava-se para as questões oficiais e as únicas fontes históricas admitidas eram documentos do Estado. Buscavam-se as origens e a evolução da nação, mas também o status de ciência. Ver: BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983

⁵ A primeira geração é composta pelos fundadores da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. Na década de 1950, Fernand Braudel tornou-se diretor da revista com grandes nomes de estudiosos ao seu lado como Ernest Labrousse e Emmanuel Le Roy Ladurie. A terceira geração composta por um grupo de historiadores que ampliaram a noção de fonte histórica, dentre eles: Michèle Perrot, Georges Duby e Jacques Le Goff. A respeito, ver: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Unesp, 1991.

A questão importante para a nossa reflexão é que no campo da História a proposta interdisciplinar desde o começo da Escola dos Annales teve vários problemas no que se refere a sua aceitação. Ampliação do ofício do historiador se estabelece com Le Goff e Nora em *Novos Objetos, Novos Problemas, Novas Abordagens* na década de 1970. Segundo Silva (2004, p. 34) através desses trabalhos será possível observar aproximação de “de Michel Foucault com alguns representantes dos Annales, visto que todos vão defender uma concepção de ‘história-problema’ com alguns pontos em comum”. Percebe-se que tanto Foucault como Le Goff acreditam que quando o historiador escolhe e trata (analisa e reflete) o documento está sendo conduzido por interesses do seu tempo. Nesta perspectiva Silva aponta as concepções de Chevalier acerca da aproximação da História com a Linguística. Para Chevalier apud Silva (2004, p.34) devemos ter um olhar mais profundo sobre a língua, pois permitirá que funcione em dois níveis interdependentes e que condicionam e aproximam da história

a) língua como objeto que apresenta regularidades e que podem ser formalizadas e estudadas na especificidade da Linguística (numa perspectiva estruturalista) e b) língua como produção e utilização dos homens em sociedade que pode ser ampliada para o campo da História. Numa ou noutra não é possível separar a relação linguagem-sociedade

A Busca interdisciplinar entre os Estudos da Linguagem e a História vem em consonância com a proposta de Fairclough (2001) em pensar as questões do discurso moldado pela estrutura social e por outro constitutivo da estrutura social. Haja vista que o campo da História favorece debates importantes acerca do sujeito em seu meio vinculado às ideologias e as relações com o seu tempo.

Análise Crítica do Discurso e o Discurso Jornalístico: O trem sob o signo da modernidade

A linguagem permeia as relações entre os indivíduos. Analisá-la permite observar as transformações sociais. O signo linguístico apresenta marcas de sua época e especialmente de determinados grupos sociais. Isso é exposto nos periódicos. O folhar das páginas do *Jornal Correio do Oeste* de 1930, assim como em outros jornais da época, mostra várias notícias referentes ao desejo da construção de uma linha férrea em Guarapuava. Assim como em todo o Brasil, no respectivo período, construir uma ferrovia estava ligado à modernidade. Esse conceito é dividido em dois momentos, segundo Marshall Berman (1986, p.16)

primeiro, modernidade apóia-se na expressão ser moderno que é resultado das experiências ambientais vividas em busca de transformações em todos os níveis da atividade humana; segundo, modernismo que apresenta conotações de preferências a certas inovações.

As transformações que se deram nas cidades em fins do século XIX e em meados do XX mostram as marcas da modernidade. São alterações técnicas e culturais movidas pelo avanço capitalista que trazem mudanças nas relações sociais, econômicas e que perpassa até a noção entre espaço e tempo. A modernidade entra em choque com o tradicional, nesse sentido Giddens (1991, p.14) aponta que,

os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as

transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes.

Como exposto pelos autores, a modernidade coloca-se num processo complexo. Para observar as transformações que ocorriam no espaço urbanístico tomamos como exemplo o Rio de Janeiro, capital do país. A ideia de transformações implicava no abandono dos hábitos e costumes que estava conectado com a memória da sociedade tradicional segundo Sevcenko (1983), há a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que desprestigia a imagem civilizada da sociedade dominante. Ocorre uma política de expulsão das classes populares e a área central da cidade passa a pertencer às camadas aburguesadas.

Observa-se que o Rio de Janeiro almejava através da destruição da velha cidade modificar os usos e costumes da população por meio de um novo espaço urbano. Fato perceptível em Guarapuava, que é apontado por Tembil (2007), a cidade em meados do século XX buscava estar no ritmo da modernidade. Dessa maneira, é nesse contexto que a cidade guarapuavana está inserida e a construção da ferrovia ganha força nos discursos jornalísticos.

Para perceber a questão entre modernidade e seu signo, a locomotiva, o modelo Tridimensional proposto por Fairclough (2001) tem pontos interessantes, porque “é inovadora quando propõe examinar em profundidade não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social” (Magalhães, 2001, p. 11).

A partir desse potencial, podemos exemplificar a concepção tridimensional do discurso da seguinte forma: o discurso como texto (oral ou escrito) envolve a gramática sistemática funcional, a prática discursiva refere-se à análise das questões de produção e consumo e por fim, a prática social que está relacionada às questões políticas e ideológicas – processos discursivos e sociais.

Primeiramente realizaremos a análise textual. Esta ocorre com as variáveis do contexto situacional o qual é apresentado por Halliday (1989, p.12) *apud* Fuzer; Cabral (2014, p.29) “por meio de um modelo conceitual formado por três variáveis: campo, relações e modo” e está relacionada com as metafunções da linguagem que são ideacional, interpessoal e textual. Iniciamos com a descrição da configuração contextual do artigo:

O *campo* remete-se ao artigo que aborda sobre a característica da cidade e a falta de vias de comunicação. A *relação* é estabelecida entre os participantes: os participantes da situação que são o jornalista, editores e os leitores do jornal. E a variável *modo* está relacionado com meio em que se dá a comunicação, e isso ocorre pela linguagem verbal escrito, sendo o modo de organização argumentativo.

Quando utilizamos o sistema linguístico, fazemos uma série de escolhas dentro das probabilidades que o sistema fornece isso evidencia que ser funcional e está ligada às nossas necessidades de convivência em sociedade. Para Fuzer; Cabral (2014, p.19), “precisamos desenvolver nossa consciência sobre os significados que as palavras e suas combinações em textos específicos”. Destarte, a partir daqui apresentaremos outro conceito da teoria sistêmico-funcional: as metafunções.

O artigo selecionado do Jornal Correio do Oeste foi publicado no dia 20 de Julho de 1930 com o seguinte título – *Guarapuava como centro irradiador do Futuro do Paraná e sua ligação Ferroviária*. O artigo transcrito possui três páginas, portanto faz-se necessária a seleção de alguns trechos:

1. A nossa cidade, situada como está numa **posição geographica** de 8°16 e 58° de longitude Rio de Janeiro e 25° 23’ 36° de latitude meridional, com 1200 metros acima do nível do mar, posição **essa magnífica**, e que lhe assegura, portanto, um clima salubérrimo, comparável aos das penínsulas Iberica e Italica. **Depois a sua**

colocação a beira dos campos infindáveis, com excellentes pastagens; um enorme sertão circundando; dotada de uma payzagem incomparável, e regada no seu systema potamographico por grandes rios, sendo um delles um dos maiores do mundo, e com uma das cataractas mais possantes do Universo – o Salto das Sete Queda! **Caracterização geológica maravilhosa e de uma natureza** sem igual no mundo!

2. **Ella necessitava de um meio de transporte rápido**, dada as suas circunstancias de distancias longas e mal servida **por uma péssima estrada de cargueiros, isso para todos os serviços de sua necessidade (...)**.
3. Tudo isso, são os **coefficientes de quem tem soffrido esse bello rincão, mas, essa gente resiste com verdadeiro estoicismo**, esperando um futuro melhor, suportando com ativez as agruras do presente, porque um grande problema vital, para ser realiado, depende também de factores sujeitos às circunstancias de momento, e justamente o que está se dando em nosso meio.

Quando o individuo expõe as experiências do mundo material ou do mundo interior – está usufruindo o componente experiencial da *metafunção ideacional*. A análise aponta aspectos léxico-gramaticais que viabilizam entender as representações experienciais através da linguagem. O componente da gramática que podemos perceber essas manifestações é o sistema de transitividade. Esse componente na Gramática Sistêmica-Funcional é um sistema de conexão entre os elementos que formam uma figura. Um panorama interessante acerca do termo *Figuras* pode ser compreendido da seguinte forma:

Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem fez o quê) e, eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, porque etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se. Em outras palavras, figuras são os significados produzidos pelos processos em associação com participantes e, opcionalmente, circunstâncias. (FUZER; CABRAL, 2014, p.41)

Os conceitos de processo, participante e circunstância são pontos que contribuem para compreender de forma geral os fenômenos de experiência do mundo que são construídos na estrutura linguística. Expostas essas considerações, passemos a análise da primeira metafunção.

Em (1), o processo “está” representa uma oração *relacional*, isso significa que ao escrever esse trecho o autor pretende expor as características, e a própria identidade da cidade, as paisagens. A “cidade” é o possuído e os elementos (as caracterizações) são o processo possuidor.

No fragmento (2), o processo “necessitava” indica a consciência do editor acerca da falta que o transporte fazia para a cidade. Denominamos, assim, em (2) um processo *mental*, sendo que o experienciador é “Ella” (cidade de Guarapuava), o verbo qualificado como processo mental verifica-se que é “necessitava” e o percebido denomina-se *fenômeno*: “distâncias longas e mal servidas”, “péssima estrada de cargueiros”.

E por fim em (4) percebe-se uma mudança de eventos no decorrer do trecho. O Ator “bello rincão”, ou seja, a cidade que ao longo do texto é retomada com outras referências. Apesar das agruras que passava como isolamento, a falta de colaboração do governo, o povo persistia. Nesse caso “mas essa gente resiste como verdadeiro estoicismo” manifesta uma oração transformativa isso significa que o participante já existente sofre alguma mudança. No trecho (4) verifica-se que a transformação passa dos aspectos geográficos para a questão da população.

A primeira parte da análise textual possibilita perceber a forma como o editor elegeu determinadas palavras na sua construção e, principalmente, compreender a sua concepção de progresso. Nesta perspectiva o historiador Burke (2006, p. 113) salienta que “o processo de descobertas estava no centro do que muitos contemporâneos de cada invenção viam como progresso, freqüentemente exaltado pela mídia”. Isto significa entender que a concepção de modernidade e progresso do editor é identificada no seu texto, mais do que marcas o sujeito almeja que o público compartilhe da mesma ideia.

A linguagem reflete não somente as experiências como vimos até aqui, mas também a interação com o meio social, pois através da relação entre as pessoas podemos demarcar os papéis sociais e de identidade. Na *Metafunção Interpessoal* analisaremos as orações como parte de interação entre emissor e receptor.

Na gramática Sistêmico-funcional há dois tipos de trocas que ocorrem na interação de comunicação: as trocas de bens e serviços e a troca de informação. A análise da função interpessoal no artigo de jornal aponta para a troca de informação. Com relação a essa interação Fuzer; Cabral (2014) explanam: o que é trocado é a própria linguagem. Consideramos essa interação porque o interlocutor, jornalista, constrói o texto com a expectativa de que o leitor tome conhecimento do que está sendo enunciado. Os discursos sobre modernidade e os trilhos do trem é direcionado para que as pessoas entendam a importância, as dificuldades e o quanto a cidade crescerá com a chegada da ferrovia.

O sistema é o Modo e a organização da oração possui dois elementos: Modo e o Resíduo. O primeiro constitui-se de sujeito (grupo nominal) e Finito (grupo verbal). Identificado o sujeito e o finito, o restante da oração recebe o nome de Resíduo. Fuzer; Cabral (2014, p.110) comentam que o Resíduo “consiste em elementos funcionais de três tipos: Predicador, Complemento e Adjunto(s)”. A ordem específica é Predicador, Complemento, Adjunto. Pode ocorrer de aparecer apenas um deles.

Em (1) observamos que no Modo tem-se enquanto sujeito a “cidade” e finito o verbo “está”, “assegura” e “incomparável”. O resíduo é o restante das orações: predicador “situada” e complementos como “um clima salubérrimo”, adjunto “nível do mar”. Interessante destacar que o sujeito vai além de uma categoria gramatical (sintática). Constitui-se o significado do sujeito em termos interpessoais do falante, pois o é o elemento que o interlocutor constrói as suas afirmações, negações ao longo do texto. No trecho (2), o sujeito “Ela”, o finito “necessitava”. No resíduo qualifica-se como o restante da oração. identificamos o complemento “um meio de transporte”, adjunto “rápido”. Em (3), Lacerda faz referência ao que explanou acerca da situação de Guarapuava no “tudo isso, são coeficientes”. O sujeito é a cidade, o finito “são” e “tem” para organização a sua ideia. O finito “são” refere-se aos elementos anteriores que se junta ao finito “tem” que legitima os problemas vivenciados. O restante é considerado Resíduo, sendo “sofrido”, “suportando” o predicado. Verificam-se complementos: “um futuro”, adjunto “justamente”, “em nosso meio”.

Dentro da perspectiva analisada na metafunção ideacional segue-se na metafunção interpessoal. Salienta-se que os leitores dos jornais pertencem a uma determinada classe, a elite fundiária de Guarapuava, mais adiante explanaremos sobre esse ponto. Por enquanto torna-se importante destacar que o editor e redator da notícia exprime interesses e ideias de um grupo de pessoas. Ao utilizar “povo” procura destacar que os beneficiários de tal empreendimento seriam prodigiosos para todos.

A metafunção textual trata-se da oração como mensagem. A Metafunção ideacional e interpessoal estão presentes para a construção da organização dos significados. Na gramática sistêmica-funcional existem dois sistemas que envolvem a organização do texto: Estrutura da Informação e a Estrutura Temática.

A Estrutura da Informação envolve a informação dada e informação Nova. Essa

estrutura organiza e relaciona o dado e novo. O Dado é o elemento compartilhado entre o escritor e o leitor. O Novo é a informação que é desconhecida para o leitor. De modo geral, apesar da seleção dos trechos, observa-se uma organização das ideias do jornalista. O início do artigo começa com o trecho (1) Dado é “Nossa cidade” elemento compartilhado entre os interlocutores. As informações que seguem funcionam como Novo. Ao longo do texto se nota as referências como em (2) “Ella” e “tudo isso” em (3) são elementos dados. O elemento novo são as expressões restantes com “necessitava de um meio de transporte (...)”, “(...) péssima estrada de cargueiros (...)”, “essa gente resiste com verdadeiro estoicismo (...)” e “esperando um futuro melhor (...)”.

A estrutura temática analisa um texto, a sua organização no que tange o Tema e Rema. Diferente do Dado e Novo que é orientado pelo ouvinte o Tema e Rema é orientado pela falante. A estrutura de informação e a estrutura temática determinam a fluência da mensagem. O tema serve como ponto de partida para a oração, neste caso “Nossa cidade” é a informação que percorrerá todo o texto. O Rema é o desenvolvimento das ideias acerca do tema. Identifica-se que é Tema tópico por constituir como um elemento da oração que expressa significado representacional.

Conseguimos, após as outras metafunções, observar a estrutura do texto em sua totalidade, segundo Capelato (1988, p. 15) “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adpetos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos”. A experiência de mundo e a questão ideológica direcionam para a finalidade da construção do artigo jornalístico. Estruturado e com os elementos necessários para “vender” a ideia de que toda a população de guarapuavana necessitava das ferrovias e quem sem elas a cidade estaria sujeita a estagnação.

A análise exposta da primeira dimensão por meio da gramática sistêmica-funcional permitiu observar e refletir através do ‘ato de tecer’ as palavras como o sujeito articulou as suas ideias, para transmitir a necessidade da construção de ferrovia em Guarapuava, como também o desejo explicitamente promovido pela nova elite política e econômica da cidade. Afinal, à decisão de excluir e eleger determinadas informações está ligada aos acontecimentos do período. Dessa forma, passemos a análise discursiva e social. Esta abarca o discurso em relação à ideologia e a hegemonia. Aquela se refere a processos de produção, distribuição e consumo do texto. E esses processos estão correlacionados a cenários econômicos, políticos e institucionais.

O discurso da modernidade emergia nos artigos de jornal juntamente com outro discurso, o isolamento, que era perceptível até o início do século XX. Este discurso atravessa o século XIX para o XX e preocupava uma elite que desejava ser moderna. Para compreender os dois discursos que ocupavam as páginas dos periódicos é necessário esboçar alguns pontos da fundação da cidade.

Fundada em 1810, a Freguesia de Nossa Senhora de Belém possuía como recurso a criação de latifúndios. Este recurso explana Silva (1999) dominou o sistema social, político e econômico até o início do século XX. Observa-se uma mudança com o advento do tropeirismo e quando o Paraná emancipou-se de São Paulo. Nesse período, devido a distância a população desenvolveu uma economia auto-suficiente. Compreende-se que esse cenário somente mudou com a elevação da freguesia à categoria de vila, a instalação da Câmara Municipal. Entretanto a questão do isolamento fazia se presente, como expõe Tembil (2007, p.93),

Dificuldades dessa natureza, que para Guarapuava significaram ser relegada a uma “posição insular”, foram em parte superadas justamente quando se deu a abertura, por volta de 1845, de uma estrada de integração: o Caminho das Missões. Tal caminho colocou Guarapuava na rota do Tropeirismo,

inaugurando o que poderia ser chamar de “idade do ouro” na história da cidade.

O tropeirismo possibilitou uma grande mudança, como autora salienta, pois essas transformações estão relacionadas tanto na área do campo quanto da cidade e observa-se que a estrutura social da elite (fazendeiros) mudou também, percebe-se a constituição de uma hierarquia dentro da própria classe. Isso significa que os mais ricos passaram a possuir, além do poder aquisitivo, o poder político. Décadas posteriores o tropeirismo entra em decadência, e colocaram fim ao período áureo da cidade guarapuavana como aponta Silva (1999, p.68),

A feira de Sorocaba entrou em declínio. A melhoria dos rebanhos de São Paulo promovida com o dinheiro do café e a construção de estradas de ferro, que passaram a transportar o gado, tornaram-se obsoleto, visto que os rebanhos conduzidos a pé perdiam seu valor, pois o gado que ofertavam ao comércio era magro e cansado.

O evento explanado por Silva afetou as estruturas sociais e econômicas fazendo com que a atividade pecuária voltasse a ser local. Novamente, deslumbramos uma cidade que não tinha contato com as demais regiões. Esse período como aponta Silva (1999) enfrentaram dificuldades como a falta de dinheiro e a falta de integração com o restante do Brasil, devido a falta de estradas e ferrovias. Tembil (2007) atenta para o fato que o tropeirismo trazia a imagem progressista para a cidade. Com a crise a cidade voltava ao isolamento e novamente ansiava integrar-se às outras cidades. Para Silva (1999, p.69),

Restaria, porém, uma população que havia adquirido novos hábitos de consumo e se tornara mais exigente, e uma elite letrada, que teve a oportunidade de receber educação mais aprimorada nos grandes centros, assimilando os costumes e a cultura desses centros e, que juntas, passariam a liderar movimentos de pressão junto às autoridades estaduais em busca de soluções.

Os estudos de Silva (1999) contribuem para entender o fortalecimento de um grupo social que perpassará século XIX para o XX com grande influência nas tomadas de decisões no sistema social, político e econômico da cidade. Neste sentido nota-se que o grupo hegemônico será o que impulsionará os meios políticos para a construção da estrada de ferro, haja vista o isolamento atingir a questão econômica do respectivo grupo, afinal a nova elite do período possuía outros hábitos e mentalidade. Ressalta-se que os proprietários dos jornais da época eram dessa classe. Para Fairclough (2001, p.122),

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como ‘equilíbrio instável’.

Relevante ponto de discussão é a questão de que a reivindicação da estrada de ferro para Guarapuava presente em vários jornais do período aponta como sendo um interesse de toda a população como no seguinte trecho “Tudo isso, são os coeficientes de quem tem sofrido esse bello rincão, mas, essa gente resiste com verdadeiro estoicismo (sic)” (LACERDA, p.1, 1930). A palavra “gente” remetendo a população mostra um discurso homogenizador que retira as diferenças sociais, os desejos da maioria das pessoas como se fosse um benefício igual para todos. Neste sentido, Mello (2003, p. 145) salienta

Não há dúvidas que sendo uma fala oficial e externa as vivências populares, o seu conteúdo não pode ser medido como desejo desse grupo. [...]. Projeto esse,

tido como importantíssimo para os membros da elite. Era como se o que fosse bom para uns, fosse bom para todos, como se fossem todos iguais, tivessem os mesmos desejos, as mesmas necessidades.

Desde a sua fundação a cidade de Guarapuava possuía o problema de isolamento, como observamos. O discurso de isolamento e de modernidade será perceptível nos jornais a partir do século XX. Os jornais da cidade, período de 1910 a 1950, desenvolveram discursos que apresentavam a importância da construção de um ramal ferroviário. Na primeira análise constatamos como o editor construiu o seu texto para que os leitores compartilhassem da mesma ideia. Nesta perspectiva, apontamos o conceito de ideologia para Fairclough (2001, p. 116)

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação

Os políticos mobilizavam-se para trazer a ferrovia com o intuito de transformar e modernizar a cidade. E os jornalistas, pertencentes à elite, propagavam e faziam o papel de informar e reivindicar a construção dos trilhos em direção a Guarapuava, sendo assim Capelato (1988, p.34) explana que os “discursos expressos nos jornais permitem acompanhar o movimento das ideias que circulam na época”.

O período do corpus é de 1930, dois anos antes assumiu o cargo de presidente do Estado o guarapuavano Affonso Camargo. Esse evento provocou uma grande expectativa na cidade, pois um conterrâneo não se esqueceria de sua terra natal. Com ele no poder acreditavam que a precariedade dos meios de comunicação tomariam outros rumos, ou seja, os signos da civilização penetrariam na cidade guarapuavana.

As ferrovias possuem o elemento que fundaria a própria civilização, pois permite a ligação com os grupos humanos, e assim passaria do esquecimento ao progresso - integrando o comércio e a vida. Compreende-se que Guarapuava detinha riquezas naturais, mas não possuía estradas para a circulação de sua riqueza. A modernidade estava no estabelecimento de vias de comunicação porque era através dela que poderia ter saúde, segurança, educação. Tudo isso seria possível com as estradas que ligavam os pontos geográficos, produz e se “intensifica a propagação de idéias e de culturas diferentes, se fecundam as civilizações, umas pelas outras, e se realiza um alargamento progressivo no horizonte, nas sociedades mais afastadas dos focos da civilização” (AZEVEDO, s/d, p.14).

O sonho de prosseguir as obras foi interrompido, em 1930, isso se deu porque ocorreu um golpe político. Toma posse da presidência Getúlio Vargas e consequentemente acaba com o sistema de oligarquias. A era Vargas, comenta Filho (2013, p. 860), constituiu-se

num conjunto de políticas públicas para o país e no ambicioso objetivo de alcançar certa autonomia política e econômica através de um desenvolvimento nacional independente baseado num Estado forte, centralizado e planejador. Podemos concluir que Vargas foi o homem que sintetizou o processo da complexa transição da República Velha para o moderno Estado brasileiro.

Com o fim da oligarquia, nota-se uma mudança na estrutura política do Brasil. Nos primeiros anos, nota-se a presença de militares nos cargos políticos do governo. Aqueles que apoiaram Vargas obtiveram as chamadas interventorias estaduais. Com relação ao Paraná, Wachowicz (2010) explana que o cargo de Affonso Alvez de Camargo, passou

para o Major Plínio Alvez Monteiro Tourinho. Este entregou em 1932 o cargo do governo para o interventor Manoel Ribas nomeado por Getúlio Vargas.

Essa nomeação expõe os novos interesses sociais e políticos que propõe romper o círculo dos governos oligárquicos, por isso ocorre a nomeação de interventores pelo presidente, Getúlio Vargas, para a substituição dos governos estaduais. Nota-se que o general Mário Tourinho rescindiu o contrato que havia entre a Companhia Brasileira de Viação e comércio com o Estado, segundo Mello (2003 p.55) “grandes debates foram travados na imprensa guarapuavana sobre a legalidade de tal decreto e apenas em fevereiro de 1934 o Superior Tribunal de Justiça dá ganho de causa ao Estado do Paraná”. O interventor do cargo nesse período era Manoel Ribas que assegurava a continuação das obras da estrada de ferro para Guarapuava. A retomada do trabalho se deu a partir de 1936 com a transferência das obras para o governo federal.

O fascínio dos homens públicos de Guarapuava pela ferrovia está ligado a um pensamento de mundo moderno, que colocaria os homens em sintonia, mudaria a paisagem e tiraria do atraso, proporcionando a modernidade e civilização como percebemos no trecho: “Ella necessitava de um meio de transporte rápido, dada as suas circunstancias de distancias longas e mal servida por uma péssima estrada de cargueiros, isso para todos os serviços de sua necessidade” (LACERDA, p.1, 1930). A falta de transportes dificultava o funcionamento das estruturas da cidade, especialmente as produções dos agricultores. Um transporte rápido, o trem, Compreende-se que a ferrovia “funcionaria como forma de disparar riquezas já existentes naquele município, seria o elemento capaz de gerar trabalho e fazer trabalhar, porque Guarapuava já possuiria todos as riquezas que predispõe o desenvolvimento e o progresso” (MELLO, 2003, p. 28).

A manchete “Guarapuava *como* centro irradiador *do futuro* do Paraná *e a sua ligação* ferroviária, já mostra a intenção de Lacerda. A frase aponta que a construção da estrada de ferro contribuiria para o engrandecimento não somente de Guarapuava, mas de todo o Estado. Os discursos jornalísticos da década de 1930 continuariam aclamando para a continuação da construção de ferro. Mesmo com interrompimento e depois a retomada em 1936, como podemos notar “um grande problema vital, para ser realizado, depende também de factores sujeitos às circunstâncias de momento, e justamente o que está se dando em nosso meio (SIC.)” (LACERDA, p.1, 1930). No artigo o jornalista expõe os problemas externos enfrentados pela cidade.

O contexto em que se dá o texto é mergulhado de eventos e mudanças, pois na década de 1930 tem-se o golpe de Estado em 1937 instituindo assim o Estado Novo com a permanência de Vargas no poder. Os discursos de Vargas giravam em torno da modernização e do desbravamento dos sertões. Nesse período verifica-se um impulso para ocupação do território, a política de “Marcha para o Oeste”. A política de ocupação objetivava a expansão brasileira dentro de suas fronteiras, e colocava em questão novamente o problema da mão-de-obra que era primordial para a conquista do interior do país.

Nesta perspectiva Mello (2003, p. 156) comenta a preocupação do governo federal, “em forjar a integridade nacional e a unicidade dos brasileiros em tomo dos símbolos pátrios, investe-se do antigo problema da falta de meios de transporte eficazes ligando a região mais ocidental do Paraná a seus centros mais civilizados”. Nos discursos jornalísticos verifica-se o apoio ao governo federal, Mello (2003). Já na obra de Silva (1999) nota-se a questão da censura imposta pelo governo a imprensa. Entretanto, é compreensível o jogo de palavras que o jornal utilizava ao produzir os artigos, haja vista a possibilidade de ver realizada a construção da ferrovia, lembrando que o encargo desta ficou nas mãos do governo federal.

Dulcídio Tavares Lacerda (1930) compreendia muito bem as questões políticas de

seu período. E como vimos anteriormente, houve vários inter rompimentos durante a construção da estrada de ferro. Os discursos, especialmente o de Lacerda, são construídos pontuando a importância da cidade para o Estado. As belezas, as riquezas e o tamanho do território: “Caracterização geológica maravilhosa e de uma natureza sem igual no mundo! (SIC)”. Neste sentido Mello (2003, p.41) ressalta que “a qualificação das características da geografia de Guarapuava é mais um indicador da importância que se atribuía ao território como significador da existência”. O clima, a mata, o solo, toda a beleza apontado por Lacerda apenas aguardava o trabalho do lavrador para dar vida à cidade, mas para isso ocorrer, o progresso, necessitava-se de vias de comunicação. O avanço da modernidade nos sertões se dava através dos trilhos e do trabalho. No Estado moderno para modificar as paisagens selvagens, só seria possível por meio do trabalho. O trabalho conferia a dignidade do homem. A ferrovia permitiria a otimização das terras e a escoações das produções.

Considerações finais

A análise do texto aponta não apenas uma abordagem meramente exaustiva do sistema linguístico, mas a compreensão de que a partir do texto podemos observar as interações sociais. ACD busca a relação entre o componente linguístico e o componente social, haja vista o uso da linguagem ser marcado no social, destarte o discurso é definido como “o uso de linguagem como forma de prática social” (Fairclough, 2001, p. 90). Isso acarreta conceber o discurso como uma forma de ação e ser seu vínculo com o social de maneira dialética.

Na ACD, Fairclough (2001) aponta como um recurso proeminente a Gramática Sistêmica-Funcional como ponto para compreender o fenômeno comunicativo. Observemos que Lacerda, editor do Jornal Correio do Oeste, sujeito inserido social e economicamente na sociedade, compreende não apenas o seu papel diante dos acontecimentos e circunstâncias acerca do isolamento da cidade, mas também a capacidade que seu texto pode alcançar referente à opinião das autoridades ou do público. Dessa forma, segundo as suas necessidades e conveniências em sociedade utiliza-se de uma série de escolhas e delimita o que pretende passar como mensagem aos seus leitores. Evidenciamos as suas experiências: consciência acerca do conceito de modernidade e progresso, as problemáticas vivenciadas pela cidade, a questão política e social.

Como comentado anteriormente, o discurso é compreendido em sua ação no mundo. Utilizamos e nos apropriamos de certas palavras ao elaborar o nosso texto a fim de obter determinados propósitos comunicativos em contextos discursivos distintos. Portanto, é mediante o discurso que construímos a nossa realidade social e agimos no mundo em conjunturas histórico-sociais, as quais as operações de poder agem. Isto posto, tem-se não apenas a prática de representação do mundo, mas de significação e significado que auxilia na construção ou manutenção de crenças, identidades, ideologias.

Nesta perspectiva, a interdisciplinaridade com a História contribui para analisar as práticas discursivas e sociais propostas pela ACD. O processo histórico da cidade de Guarapuava através dos estudos dos historiadores aponta para uma cidade a qual permaneceu boa parte da sua história isolada de outras cidades e que os eventos políticos contribuíram para a vagarosa falta de vias de comunicação. Na prática discursiva identificamos a produção e consumo de uma concepção de ideia vigente no início do século XX, a modernidade. Ideia esta difundida principalmente por uma elite desejosa da prosperidade não da cidade, mas de seus bens e patrimônios.

O jornal produzido pela elite (para elite) visava os interesses apenas de uma parte da população ficando a grande parcela excluída da pauta. Neste sentido, a prática social

volta-se para a questão ideológica e hegemônica presentes no período de 1930. Novamente, o campo da história contribui para pensar as questões de permanências e rupturas. Isso significa que desde o início, a elite, seus patronos ou fundadores, mantinham a sua influência na sociedade. Salienta-se que a relação entre discurso e sociedade é o poder, e este sobre o discurso jornalístico mostra a capacidade para controlar as práticas discursivas, ou seja, modelar e manipular circunstâncias de comunicação.

O interesse expressado pelo Dulcídio Tavares Lacerda está ligado ao desejo de uma elite, e principalmente relacionado a um ideal vigente no período, a modernidade. Entrar no ritmo da modernidade materializava no desejo da construção e término da via ferroviária, pois estradas permitiam que ligassem uma região a outra, a riqueza da cidade poderia ser transportada mais rapidamente com melhores lucros, bem como a compra de outros produtos necessários à sociedade.

Os meios de transporte relacionam-se ao tempo, à circulação das mercadorias que geraria mais riquezas. Entende-se que o ideal da elite era estar no compasso do capitalismo. As esperanças encontravam-se nos trilhos que trariam o componente estruturador do progresso. O grupo ligado ao Jornal (proprietários rurais) possuía consciência de que não adiantava produzir se não tivesse meios de circular a produção. Além das modificações urbanas, do escoamento das riquezas, tem-se também a valorização do tempo do trabalho que ocupava e dignificava o homem.

A década de 1930 possui as suas singularidades, afinal há uma mudança política com a posse de Getúlio Vargas no poder e isso transforma vários setores da sociedade. Através de um levantamento constata-se que essa década possui mais discussões acerca da ferrovia e as vantagens que ela trazia a cidade. E dentre os jornais foi selecionado o Correio do Oeste. Por isso optou-se por analisar os eventos através da década. Consequentemente, as fontes que datam do ano 1930 são um ponto de partida para o estudo.

O discurso sobre a necessidade da construção da ferrovia será mais frequente a partir do século XX. A elite política e econômica da cidade contemplava o transporte ferroviário como um signo de modernidade e progresso. No que tange ao Brasil (século XIX e XX), compreende-se que a construção das ferrovias significava civilizar lugares selvagens retirando-os do atraso e transformando-os em lugares modernos e integrados. Através do estudo, notam-se os problemas que a elite guarapuavana enfrentou na década de 1930. O sonho de ver a chegada do primeiro trem à cidade só se concretizou em 1954, mote para outro trabalho.

Referências

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**, São Paulo: companhia das letras, 1986.
- BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1991. (Coleção Ciências da Educação).
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: contexto/ EDUSP, 1988.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP,

1991.

- LACERDA, Dulcídio Tavares. Guarapuava como centro irradiador do futuro do Paraná e a sua ligação ferroviária. **Correio do Oeste**, 1930. Arquivo Municipal de Guarapuava.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- MAGALHÃES, Izabel. Prefácio. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **Imprensa de 1930 e memória histórica**: uma questão para análise do discurso. Dissertação (mestrado) São Paulo: Unicamp, 1988.
- MELLO, Silvia Gomes Bento de. **O gigante e a locomotiva**: projetos de modernidade e estratégias de territorialização no Paraná (Guarapuava 1919-1954). Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Giselda Brito. **História e Linguística**: Alguns reflexões em torno das propostas que aproxima a História da Análise do Discurso. *Sæculum – Revista de História*. João Pessoa, ago./ dez. 2004
- SILVA, Walderez Phol da Silva. **Guarapuava**: a crônica de uma cidade enunciada (1819-1978). Guarapuava, 1999. Dissertação (mestrado em história). UNESP/UNICENTRO.
- TEMBIL, Márcia. **Em busca da cidade Moderna**: Guarapuava...recompondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. As duas grandes correntes do pensamento linguístico: formalismo e funcionalismo. In: **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- PEZATTI. O Funcionalismo em Linguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3. p. 165
- REZENDE E RAMALHO. Linguagem em (Dis)curso - **LemD, Tubarão**, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004
- MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.**, v. 21, n. espec., p. 1-9, 2005.

Submetido em 15 de outubro de 2017. Aprovado em 06 de março de 2018.